

A TELEVISÃO NA CAMPANHA

Hélio Doyle, Nardelli e Vasconcelos

A televisão é importante na campanha eleitoral? Como deve ser a distribuição do tempo entre os partidos?

Hélio Doyle — A televisão, na minha opinião, é importantíssima, porque é a maneira de você chegar ao eleitor hoje. É impossível, numa grande cidade, num grande Estado, você chegar pessoalmente a cada cidadão e expor seu programa. A televisão e o rádio exercem esse papel hoje. E o chamado comício eletrônico, uma forma nova de campanha. A televisão, no geral, é fundamental na sociedade brasileira, e eu digo sempre que não haveria plano cruzado se não fosse a televisão e o apoio que as emissoras deram no sentido de criar um clima favorável à medida.

Eu acho que a disciplinação do seu uso é realmente um desafio que nós temos, porque a forma atual é inteiramente injusta. Candidatos que aparecem todos os dias, um minuto que seja, obviamente levam vantagem sobre candidatos que aparecem trinta segundos de três em três ou quatro em quatro dias. Nós temos que encontrar uma forma democrática, temos

que encontrar um acesso igualitário de todos os cidadãos. Pode-se criar um critério, futuramente, com base na representação, mas um critério mais justo, porque esse foi um esmagamento total dos partidos menores.

Outra coisa que está faltando, é o debate, porque hoje se limita a colocar o candidato falando, e era preciso que a televisão pudesse patrocinar debates entre os candidatos, para o confronto de posições que daria mais elementos ao eleitor para se decidir.

Nardelli — Em relação ao tempo, eu concordo com Hélio de que a divisão não é democrática, e que seria necessário debates para se poder conhecer realmente os candidatos. O que nós vemos hoje é que aquele candidato que tem mais ligação com a televisão penetrar melhor em todas as camadas da população. Mas vemos também que o estelionatário, o charlatão, geralmente são pessoas que convencem muito bem, tanto que lesam muita gente. Então, corremos esse risco: em poucos segundos, uma pessoa

com uma presença melhor em cena convence uma série de cidadãos com propostas falsas. Sou totalmente contrário a essa forma. Nós teríamos que promover debates a médio prazo, principalmente porque Brasília nunca teve debates políticos.

Geraldo — Eu concordo com o que foi dito. Estou na televisão de quatro em quatro dias, com trinta segundos, e acho que os eleitores têm que penalizar o Congresso que se reuniu para formar esse cartel. Uma coisa que me impressiona: temos 74 por cento de pessoas indefinidas, apesar de todo o massacre que a televisão vem realizando há 60 dias. E a mim me parece que isso é uma jogada da oposição, do povo: esse pessoal não quis se definir. A maioria é de funcionários públicos, pessoas ligadas ao Governo que não quiseram seus nomes em mapas, talvez com receio, e por isso não manifestaram a sua declaração de voto. Eu acredito que Brasília terá uma surpresa: o PDT e outros partidos de oposição vão contrariar as pesquisas no dia 15, não obstante o massacre na televisão.

